

Recebido em: 17/04/2022

Aprovado em: 29/05/2022

Publicado em: 30/09/2022

A NATUREZA ŒUVRE DO DE L'INTERPRÉTATION – ESSAI SUR FREUD¹

THE NATURE ŒUVRE OF THE L'INTERPRÉTATION – ESSAI SUR FREUD

Weiny Freitas²
(weiny.freitas@ufms.br)

Resumo: O artigo lança a hipótese de que o *Da interpretação – ensaio sobre Freud* – trabalho do filósofo francês Paul Ricœur (1913-2005), publicado em 1965 –, é uma autêntica “œuvre/obra” filosófica. Para sustentar essa hipótese desenvolve-se duas seções argumentativas por meio das quais se demonstram alguns critérios objetivos: métodos, problemas e projetos (primeira seção), e alguns elementos estruturantes: finalidade e método, que somados a comentários da recepção crítica que o trabalho recebeu (segunda seção), favorecem a tese da natureza œuvre do *De l'interprétation. Essai sur Freud*. Conclui-se que essa tese, embora requeira maior aprofundamento, é extremamente promissora, e, passado meio século da publicação desse trabalho de Ricœur, temos agora melhores condições para compreendê-lo.

Palavras-chave: Obra. Da interpretação. Ensaio sobre Freud. Ricœur.

Abstract: The article launches the hypothesis that *Freud and Philosophy: An Essay on Interpretation* – work of the French philosopher Paul Ricœur (1913-2005), published in 1965 –, is an authentic philosophical “œuvre/work”. In order to support this hypothesis, two argumentative sections are developed by means of which some objective criteria are demonstrated: methods, problems, and projects (first section), and some structuring elements: purpose and method, which added to comments of the critical reception the work has received (second section), favor the thesis of the œuvre nature of *De l'interprétation. Essai sur Freud*. We conclude that this thesis, although it requires further study, is extremely promising, and, half a century after the publication of Ricœur's work, we are now better able to understand it.

Keywords: Work. On Interpretation. Essay on Freud. Ricœur.

¹ Este é o segundo de uma série de três estudos por meio dos quais inicio um percurso de pesquisa que visa compreender o conjunto do pensamento ricœuriano, notadamente a partir da análise do *Da interpretação – ensaio sobre Freud*, obra de Ricœur publicada em 1965. O primeiro trata do aspecto contextual do trabalho sobre Freud; o segundo, o presente estudo, se volta ao tema da “natureza obra” desse trabalho; o terceiro indaga sobre o “Estilo Ricœur” de pensar.

² Professor do curso de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas com período sanduíche na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1411304686102041>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7101-9150>.



INTRODUÇÃO

No longo, amplo e diversificado conjunto de trabalhos que constitui a enorme obra ricœuriana, *Da interpretação – ensaio sobre Freud* (1965) (RICŒUR, 1995a), ocupa ainda uma posição não claramente estabelecida. Por certo, todos nós sabemos que se trata de um trabalho de notável relevância, todavia, não compreendemos ainda qual é o seu significado filosófico maior e o que exatamente podemos dele extrair. Enquanto de um lado, o *Ensaio sobre Freud* junto ao *Conflito das interpretações* (1969) (RICŒUR, 2013), operam no interior da grande obra ricœuriana uma transição significativa entre *A filosofia da vontade* (1950-1960) (RICŒUR, 1950; 1960) e *A metáfora viva* (1975) (RICŒUR, 2000); de outro, este “momento de passagem”, esta “transição” teórica e metodológica, este “giro hermenêutico” iniciado n’*A simbólica do mal* (1960) (RICŒUR, 1960), mas apenas efetivamente constituído em *Da interpretação*; tudo isso requer ainda ser mais investigado e compreendido.

Diante desse quadro, gostaria de desenvolver aqui uma linha de investigação baseada na hipótese de que o *Ensaio sobre Freud*, mais que um “momento”, uma “transição” ou um “giro”, deve ser concebido como uma autêntica “obra” filosófica, no sentido mais forte do termo. Para sustentar esta hipótese da natureza *œuvre* do *DI* (*Da interpretação*), desenvolverei duas seções argumentativas: na primeira delas, procurarei reunir e apresentar alguns critérios objetivos – métodos, problemas e projetos – presentes no *Ensaio sobre Freud*, critérios que, segundo a nossa análise, indicam o seu caráter de “obra”. Na segunda seção, destacarei precisamente a finalidade e o método do *DI*, concebendo-os como elementos estruturantes que garantem a sua “natureza *œuvre*”, e reforçarei essa hipótese indicando por meio de uma série de comentários de filósofos e psicanalistas que a própria recepção crítica do *Ensaio sobre Freud* forneceu argumentos a favor dessa caracterização. No fim, após desenvolver esses dois eixos argumentativos, espero concluir, se não pelo estabelecimento rigoroso da natureza *œuvre* do *Da interpretação*, ao menos, pela indicação de que o *Ensaio sobre Freud*, de Ricœur, requer muito mais da nossa atenção.

1 ENTRE MÉTODOS, PROBLEMAS E PROJETOS NO “DA INTERPRETAÇÃO”

É do conflito de vários métodos, problemas e projetos filosóficos que se entrecruzam no *Da interpretação*, que se pode extrair o primeiro indício de sua natureza *œuvre*. O *DI* é um verdadeiro entroncamento de ideias, teses e teorias, no qual temas e

questões, os mais vastos e variados, atravessam-se, causando, às vezes, choques e tensões insuperáveis, fazendo suscitar interpretações não apenas divergentes, mas inclusive antagônicas. Ora, e não é exatamente isso que genuinamente uma “obra” faz?

1.1 Métodos

Já na divisão metodológica do *Ensaio (Problemática, Analítica e Dialética)*, pode-se antever a complexidade e ousadia que ele comporta desde o ponto de vista dos métodos que ele emprega. Em primeiro lugar, as noções ricœurianas de *Analítica* e *Dialética* reenviam-nos implicitamente ao mesmo procedimento, ou compreensão geral, utilizados por Kant, na divisão de sua lógica transcendental em “analítica” e “dialética”. Nesse sentido, *mutadis mutandis* a *Analítica* de Ricœur teria o objetivo de analisar o discurso freudiano, “tal como aparece na experiência”, como “fenômeno”, isto é, pensar como são possíveis os juízos sintéticos *a priori* na “física” da psicanálise: a obra escrita de Freud. Por sua vez, a *Dialética* ricœuriana representaria, nesse caso, a tendência da razão em “sintetizar para além da experiência”, buscando extrair filosoficamente “a coisa em si” do discurso freudiano, isto é, pensar como são possíveis os juízos sintéticos *a priori* na “metafísica” freudiana: a interpretação filosófica de Freud³. Em suma, do ponto de vista do método, o *Da interpretação* é, essencialmente, a “crítica da razão pura” da psicanálise. Mas, desde já, convém notar que, tal como Kant, Ricœur sabe que toda a importância da sua *Dialética* está, antes de tudo, em pensar as condições de possibilidade da “coisa em si” freudiana e não na descoberta e defesa ingênuas de qualquer universalidade filosófica da psicanálise⁴.

Em segundo lugar, de forma mais explícita que na utilização do criticismo kantiano, o próprio Ricœur, ao explicar a divisão do *DI*, no que concerne particularmente à *Analítica*, faz referência direta ao método estruturalista de leitura de textos, inclusive citando a noção guéroutiana de “arquitetônica da obra” (RICŒUR, 1966, p. 76); e sobre a *Dialética*, as referências, nesse caso, são os métodos de três fenomenologias, a de Husserl, pelo viés de Merleau-Ponty, para fundamentar a tese da arqueologia do sujeito; a de Hegel, para levar

³ Conforme Kant em *Crítica da razão pura*, (1781), 2001. Ver especialmente a segunda parte da obra.

⁴ Está claro para nós que esta aproximação do estatuto do *DI* ao estatuto da *Crítica da razão pura* merece mais clareza e maior aprofundamento. Devo a Johann Michel a indicação dessa hipótese interpretativa a partir do argumento da divisão do *DI*. Mais tarde, encontrei essa mesma hipótese, mas por meio de argumentos diferentes, em Henry (1991) e Major (1994). Trabalho neste momento sobre o tema, a ser, em breve, objeto de publicação.

adiante a ideia de teleologia do sentido; e, por fim, a de Mircea Eliade, uma fenomenologia da religião que teoriza um sujeito escatológico.

Em um sentido ou outro, fato é que a *Analítica* e a *Dialética* ricœurianas trazem consigo uma variedade de marcadores metodológicos – criticismo kantiano, estruturalismo, fenomenologia arqueológica (Husserl/Merleau-Ponty) fenomenologia teleológica (Hegel), fenomenologia escatológica (Eliade) –, que não são de fácil articulação.

Se é relativamente mais fácil associarmos o método estruturalista empregado na *Analítica* ricœuriana à “analítica” kantiana, as dificuldades aumentam estratosféricamente quando se trata, por exemplo, de relacionar o método da dialética transcendental da *Crítica* de Kant com a teoria dialética da *Fenomenologia* de Hegel; e se as dificuldades são menores quando se trata de articular arqueologia e escatologia do sujeito por meio dos métodos fenomenológicos de Husserl/Merleau-Ponty e Eliade, elas permanecem, no entanto, bastante problemáticas⁵.

1.2 Problemas

Em termos precisos, o *Da interpretação* consiste no remanejamento de uma série de problemas da *Filosofia da vontade* de Ricœur, que passam agora a ser analisados e reorientados por meio da confrontação com a problemática geral da psicanálise. Sob o argumento central da “consistência do discurso freudiano”, o filósofo buscará articular os seus problemas filosóficos com o pensamento de Freud; e o fará por intermédio do estabelecimento de quatro problemas bem delimitados: “epistemológico”, “reflexivo”, “dialético” e “hermenêutico”:

[...] *Meu problema é aquele da consistência do discurso freudiano*. Em primeiro lugar, é um problema *epistemológico*: o que é interpretar em Psicanálise, e como a interpretação dos signos humanos se articula com a explicação econômica que pretende atingir a raiz do desejo? Em seguida, é um problema da filosofia *reflexiva*: qual *compreensão* nova de *si* procede desta interpretação, e de qual *si* se trata de compreender? É ainda, um problema *dialético*: a interpretação freudiana da cultura é exclusiva de qualquer outra? Se não é, segundo qual regra de pensamento ela pode ser *coordenada* com *outras interpretações*, sem que a inteligência seja condenada a só repudiar o fanatismo para cair no ecletismo? Estas três questões constituem o longo desvio pelo qual retomo inteiramente o problema deixado em suspenso no fim de minha *Simbólica do mal*, a saber, *o da relação entre uma hermenêutica dos*

⁵ Explicitar aqui com o devido rigor todas essas dificuldades requereria de nós um desvio que nos afastaria substancialmente de nossa análise, além do que seria necessária uma pesquisa maior do que a que dispomos no momento. Basta aos nossos propósitos, então, apenas indicá-las a título de caracterização da complexidade dos métodos presentes no *Da interpretação* de Ricœur.

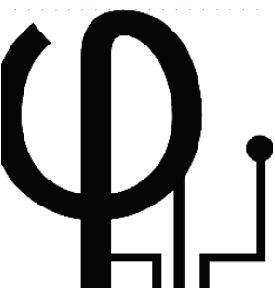
símbolos e uma filosofia da reflexão concreta (RICŒUR, 1995a, p. 8, grifo do autor).

Em termos gerais, essa série de problemas atravessa os três livros que dividem o *Da interpretação*. No *Livro I, Problemática: situação de Freud*, trata-se de situar o fundador da psicanálise no cerne do pensamento filosófico contemporâneo, quer dizer, em meio ao amplo universo de temas e questões regido pela problemática da linguagem. Nesse quadro introdutório, Ricœur formula, principalmente, dois problemas, o “epistemológico” e o “hermenêutico”: o que significa e o que comanda o conflito das duas interpretações opostas, a da *Simbólica do mal* e a da psicanálise? Como, afinal, se pode articular no mesmo discurso símbolo e sintoma?

O *Livro II, Analítica: leitura de Freud*, representa a posição metodológica de Ricœur acerca do “problema da consistência do discurso freudiano”. Não é tanto um problema formal que o guia aqui, mas uma opção de método: compreender Freud por intermédio da leitura estrutural de sua obra. O estruturalismo metodológico, esse método de trabalho filosófico que fez época, escola e doutrina, e foi particularmente usado pela tradição francesa de análise histórica da filosofia, marca, então, o modo como Ricœur pensa a consistência do discurso freudiano. As noções de “sistema”, “compreensão objetiva do texto”, “arquitetônica da obra”, “articulação interna dos conceitos” etc. são as diretrizes que constituirão as soluções da leitura ricœuriana da psicanálise.

Por fim, o *Livro III, Dialética: uma interpretação filosófica de Freud* é o ponto alto do *Da interpretação*. Segundo Ricœur, ele “enquadra” a leitura de Freud vinda da *Analítica*, retoma os questionamentos da *Problemática* e tenta, notadamente por meio das análises do “problema reflexivo” e do “problema dialético”, fornecer soluções à totalidade dos problemas da obra (RICŒUR, 1995a, p. 9).

Como se pode notar claramente, o *Ensaio sobre Freud* de Ricœur conjuga amplo complexo de problemas: i) vai desde as problemáticas específicas da filosofia ricœuriana: a questão do sujeito em relação à compreensão de si, o estatuto da interpretação do símbolo, outras; ii) passa pelo arcabouço teórico da psicanálise: o tipo próprio de interpretação inventado por Freud, a explicação econômica que visa à raiz do desejo, a interpretação freudiana da cultura etc.; e iii) chega a uma nova “interpretação filosófica”, não apenas de Freud, nem somente da própria filosofia ricœuriana, mas, quem sabe, da filosofia em geral.



Este aspecto prospectivo do *Da interpretação*, segundo o qual a quantidade e diversidade de problemas aí tratados fazem avançar a reflexão filosófica, decorre de outra particularidade de conflitos que a obra carrega: o conflito de projetos.

1.3 Projetos

É particularmente no empreendimento da “interpretação filosófica de Freud” que vemos Ricœur entrecruzar vários projetos filosóficos. Neste aspecto, a *Dialética do DI* é, sem dúvida, uma das mais complexas interpretações filosóficas que já se produziu sobre a psicanálise. Do ponto de vista da quantidade de referenciais teóricos objetivamente utilizados, é extremamente difícil encontrar na literatura especializada qualquer combinação parecida com a que Ricœur levou adiante em sua interpretação filosófica de Freud.

Unir concretamente em um único trabalho sobre a psicanálise, desde o referencial da filosofia reflexiva – Biran, Lachelier, Lagneau, Brunschvicg, e notadamente Nabert –, passando, como vimos, pela Fenomenologia de Husserl – e também pela releitura fenomenológica francesa, especialmente, a de Merleau-Ponty –, chegando até a sua própria e original contribuição – a tese do “enxerto da hermenêutica na fenomenologia” –; só aqui já temos elementos complexos o suficiente para tornarmos bastante problemáticos os objetivos de Ricœur. Mas, como se não bastasse, o filósofo recorre ainda, igualmente como vimos, aos referenciais da teleologia hegeliana, da fenomenologia da religião, e tudo isso, amparado na tríade metodológica composta pela lógica de Kant, pelo método estruturalista e pela dialética de Hegel!

Definitivamente, todos esses projetos filosóficos não deveriam caber numa única iniciativa de interpretação. Com certeza, essa é uma das maiores dificuldades na compreensão do *Ensaio sobre Freud*. Em geral, a totalidade desse conjunto teórico movido no fundo da obra, quando não passa despercebida, é inteiramente subestimada por seus leitores.

Contudo, isso não significa, em hipótese alguma, qualquer demérito à interpretação filosófica de Freud realizada por Ricœur. Ora, se é desse complexo contexto que essa interpretação tira a sua singularidade e importância mais radicais, nossa observação aqui é estritamente de ordem metodológica e, no fundo, elogiosa: Ricœur foi filosoficamente audacioso ao reunir na apreensão de autor e tema tão controversos como são Freud e a sua psicanálise, projetos filosóficos tão amplos e diversos entre si. Com efeito, há um “preço a pagar” por tamanha audácia filosófica, e, nesse caso, o preço a ser pago é, em parte, o

grande grau de dificuldade que o *Da interpretação* enfrenta e representa. Scherer, um crítico da obra, não economizou os termos ao reconhecer esse aspecto:

Nós vemos a amplidão do propósito que preside a redação deste livro importante e apaixonado. A audácia prospectiva do filósofo, mesmo se ela requer, como eu mostrarei depois, algumas reservas, é a mais bela homenagem que se possa render a Freud, à medida mesma da própria audácia freudiana (SCHERER, 1965, p. 1052).

Em última análise, o que Scherer chama de “amplidão do propósito” se concretiza, conforme detalhamos anteriormente, nisto que, para nós, são critérios objetivos do caráter de “obra” do *Da interpretação*: os conflitos de métodos, problemas e projetos filosóficos que ele instala, nos quais ele se move e para os quais, ao fim de tudo, ele se projeta. Se, de algum modo, esses conflitos fizeram Ricœur vítima de sua própria audácia, no sentido das severas críticas recebidas, não se pode negligenciar que são eles os responsáveis pela máxima originalidade do *Ensaio sobre Freud*. Ou seja, é especialmente o “conflito”, este estilo particular da filosofia ricœuriana, que, ao mesmo tempo fez de Ricœur um refém da incompreensão dos seus críticos e tornou *Da interpretação* uma verdadeira “obra”⁶.

2 A NATUREZA “ŒUVRE” DO “DA INTEPRETAÇÃO”: FINALIDADE E MÉTODO

Há, curiosamente, no uso prosaico da língua francesa, dois termos para designar, do ponto de vista literário, o que é uma “obra”: *ouvrage* e *œuvre*. Embora possam passar por sinônimos em seu uso coloquial, a sutileza desses termos reserva-nos detalhes diferenciais significativos. Assim, por exemplo, enquanto *ouvrage* evoca a dimensão essencialmente particular de determinado trabalho, uma espécie de resultado *in progress*, o termo *œuvre*, por sua vez, reivindica o caráter global, o conjunto que forma de algum modo o “estado da arte” do pensamento de determinado autor.

Nesse sentido, uma *ouvrage* difere de uma *œuvre*, principalmente em razão da expansividade e do caráter conclusivo e unitário que o conteúdo desta última, diferentemente

⁶ A questão do “estilo” filosófico de Ricœur é concebida por mim, junto à questão do “contexto” e a da “natureza da obra”, como os elementos estruturantes explicativos do *Da interpretação*. Conforme mencionado acima, cada um desses elementos foi tratado em estudos separados (no prelo). O leitor pode recorrer à abordagem inicial que fiz sobre essa problemática em FREITAS PINTO, W. C. *Do círculo à espiral*: por uma história e método da recepção filosófica da psicanálise segundo o freudismo filosófico francês (Ricœur) e a filosofia brasileira da psicanálise (Monzani), 2016.

da primeira, deve obrigatoriamente comportar. Desse modo, na acepção desses termos como sinônimos, toda *ouvrage* é parte de uma *œuvre*, porque toda *œuvre* é composta internamente de uma série de *ouvrages*. Já na acepção que os difere, uma *œuvre* é distinta de uma *ouvrage* porque a primeira é uma espécie de totalidade, ampla e diversa, independente e conclusiva, o que necessariamente não ocorre no caso da segunda.

Toda essa perspectiva linguística da terminologia francesa a respeito de *ouvrage/œuvre* é apenas para chamar a atenção ao caráter de “obra”, de *pièce maîtresse*, do *Da interpretação* (DOSSE, 2008, p. 296). O *Ensaio sobre Freud* de Ricœur é antes de tudo uma *œuvre*, no sentido mais radical que o termo francês pode comportar, e o não reconhecimento desse caráter pode ser, segundo temos insistido em nossa análise, a causa de muitos equívocos quanto à sua compreensão.

Com efeito, o *DI* é mais do que um “momento de passagem”, um trabalho de “transição” entre uma fase e outra do pensamento geral de Ricœur, mais que um “giro” metodológico. Trata-se de um verdadeiro conjunto de teses, conceitos, métodos e teorias que, tal como ocorre frequentemente com obras clássicas de filosofia, mantém certo descompasso com o seu próprio tempo – porque justamente o ultrapassa –, e também certa vivacidade e atualidade de seu conteúdo, que, em alguma medida, sempre são inesgotáveis.

Assim, se por um lado, do ponto de vista do conjunto geral de sua obra, o próprio Ricœur posiciona o *Da interpretação* aparentemente como um “trabalho intermediário” entre a *Filosofia da vontade* e *Tempo e narração* (RICŒUR, 1983; 1984, 1985); por outro, de um ponto de vista mais estrito, reconhece também uma finalidade bastante ambiciosa para o seu *Ensaio*: “o livro sobre Freud” queria ser bem mais que uma simples “explicação com” a psicanálise, pois visava nada menos que “ampliar a concepção da hermenêutica filosófica” (RICŒUR, 1995b, p. 62).

Só esta “ambição teórica” – ampliar a hermenêutica – já bastaria como indício bastante significativo da natureza *œuvre* do *Da interpretação*. E ainda que do ponto de vista do interior da obra ricœuriana em geral, o caráter “intermediário” do *Ensaio sobre Freud* possa ocasionalmente ofuscar a natureza *œuvre* com a qual queremos lhe caracterizar, do ponto de vista da história da recepção filosófica da psicanálise – campo de nosso maior interesse –, a natureza *œuvre* do *DI* é simplesmente inconteste. Em outras palavras, mesmo que não fosse possível tomar o *Da interpretação* como uma *œuvre* dentro da grande obra de Ricœur – temos muitas dúvidas quanto a isso –, seguramente ele o é em relação ao freudismo filosófico geral.

Além do mais, não é apenas a dimensão de sua finalidade que assegura ao *Ensaio sobre Freud* sua natureza *œuvre*. À sua “ambição teórica” soma-se a sua “audácia metodológica”, certamente oriunda daquela mencionada “audácia filosófica”. Dirá o filósofo: “[...] a psicanálise [...] impõe à reflexão filosófica a referência de uma disciplina constituída fora de seu campo. [...]” (RICŒUR, 1995b, p. 62); isto é, Ricœur traz, por imposição crítica, para um debate eminentemente filosófico – o da hermenêutica –, um referencial completamente exterior a este – o da psicanálise. Em face disso, esta dimensão essencialmente heteronômica de método também confere a natureza *œuvre* do *DI*.

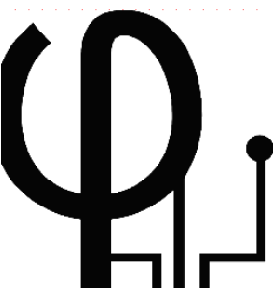
É, portanto, precipuamente por meio da sua finalidade e do seu método que o *Da interpretação* se constitui como “obra”. Contrariamente à ironia de Tort (1966, p. 1.465), para quem este livro de Ricœur não passa de um “manual escolar do pequeno freudiano”, convém ressaltar que uma das poucas unanimidades a respeito do *Ensaio sobre Freud* refere-se justamente, e com demasiada frequência, a este aspecto: sua natureza *œuvre*. O primeiro a chamar atenção para isso foi Lacroix, em uma das primeiras resenhas que o *Da interpretação* recebeu:

Há vinte anos, estando um dia em uma reunião com Emmanuel Mounier, ele me disse, apontando de longe um grupo de jovens filósofos, e mais particularmente um dentre eles: ‘Vários publicarão excelentes livros, mas aquele ali que se chama Ricœur, escreverá uma [*œuvre*] obra’. Mounier era um bom juiz e profeta. Ricœur acaba de realizar o que previa seu amigo (LACROIX, 1965, p. 13).

Ao fazer uma espécie de cronologia da produção filosófica ricœuriana de 1950 até 1965, para Lacroix, enquanto a *Filosofia da vontade I* (1950) era um “grande trabalho” – *ouvrage* –, muito mais o “anúncio de uma obra” que a obra ela mesma, a *Filosofia da vontade II* (1960) representava já, com certeza, um “trabalho de filósofo”; com efeito, era especialmente com o *Da interpretação* (1965) que finalmente se constituía em Ricœur “[...] uma [*œuvre*] obra de plenitude soberana [...]” (LACROIX, 1965, p. 13).

De Waelhens (1965, p. 591; 612), embora crítico da obra, reconhece também que o *Da interpretação* é um “estudo amplo, maduro e minucioso” que inspira observações e reflexões diversas, isto é, uma “[...] obra considerável, em algum sentido, a mais completa que Freud tenha suscitado [...]” (DE WAELHENS, 1965, p. 612).

Em uma expressão, “uma obra magistral”, afirmará Granger (1968, p. 135) ao indicar o *Ensaio sobre Freud* de Ricœur como um modelo da relação entre hermenêutica e estilo.



Mas não apenas do lado dos filósofos, também psicanalistas renomados atribuem um estatuto significativo ao *Da interpretação*. Em 1970, por ocasião do XXX Congresso de Psicanalistas de Línguas Romanas, cujo tema foi *A interpretação. O afeto, o Ensaio sobre Freud*, de Ricœur, ocupou certo lugar de destaque, tendo sido citado com reconhecimento, tanto na conferência sobre o tema da interpretação, a cargo de Didier Anzieu, quanto naquela que tratou sobre o tema do afeto, sob os cuidados de André Green, dois notáveis psicanalistas franceses⁷.

Especialmente Green, ao longo de sua volumosa obra, sempre mostrou uma interlocução bastante atenciosa com a filosofia em geral, e particularmente respeitosa com o freudismo de Ricœur. Em mais de uma oportunidade, vemos “o homem do afeto”⁸ enaltecer o *Da interpretação*: “[...] se pode afirmar que era a primeira vez que a obra do fundador da psicanálise foi tomada como objeto de um estudo filosófico aprofundado.” (GREEN, 1986, p. 25).

A esse mesmo propósito, aliás, desde o *Colloque* de Bonneval, em 1960, do qual participaram, entre outros, tanto Ricœur como Green, o psicanalista sempre demonstrou vivo interesse de diálogo com o filósofo. Em outro trabalho, Green fornece um relato pormenorizado sobre a participação de Ricœur em Bonneval, sobre a atmosfera da recepção do público à conferência do filósofo, e, até mesmo, uma análise crítica e conceitual do evento⁹.

Ainda sobre esta obra e sobre Ricœur, recentemente, em 2002, Green escreveu:

O primeiro que procedeu a um exame detalhado e rigoroso da obra de Freud o submetendo a uma análise filosófica. [...] Ninguém antes dele – eu quero dizer nenhum psicanalista – se arriscou a uma tarefa parecida: estudar Freud, como se estuda Descartes, Leibniz ou Kant. [...] Pela primeira vez, os conceitos freudianos foram apresentados através da articulação do simbólico e do econômico (GREEN, 2002, p. 329).

Há também a declaração do filósofo Michel Henry, que demonstra igualmente a relevância do *Ensaio sobre Freud* de Ricœur:

Da interpretação. Ensaio sobre Freud apresenta, de uma parte, uma das melhores exposições da psicanálise da qual se pode hoje dispor. A capacidade de estruturação conceitual de Ricœur se estende aí sob a forma de uma análise de um extremo rigor ao mesmo tempo em que de uma grande clareza. [...] se trata de uma crítica ao sentido kantiano do termo,

⁷ Todo o conteúdo do referido Congresso foi publicado em *Revue Française de Psychanalyse*, 1970.

⁸ Epíteto pelo qual o psicanalista se tornou conhecido a partir de seu célebre trabalho *O discurso vivo: a concepção psicanalítica do afeto*. (GREEN, 1973).

⁹ Para o texto da conferência de Ricœur, *O consciente e o inconsciente*, em Bonneval (cf. RICŒUR, 1966, pp. 409-422, republicado em RICŒUR, 2013, pp. 147-173). Para o relato de Green, (GREEN, 2004).

de “uma crítica epistemológica” visando a “deduzir” os conceitos realistas da psicanálise – aqueles da tópica e da energética notadamente – quer dizer, os justificar e nisso fazendo aparecer “seu poder de ordenar um novo domínio de objetividade e de inteligibilidade” (HENRY, 1991, p. 127).

Outro notável expoente do *milieu* psicanalítico francês, que também confere ao *Da interpretação* uma posição relevante é René Major:

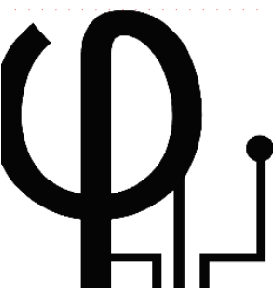
[...] nós devemos a Paul Ricœur uma leitura sistemática da obra de Freud que a filosofia, antes dele, não tinha ousado empreender lhe consentindo com seriedade um questionamento fundamental do saber adquirido pela filosofia (MAJOR, 1994, p. 175).

Por fim, entre nós, no Brasil, o *Ensaio sobre Freud* de Ricœur também teve a sua importância reconhecida. Monzani (1991, p. 121), embora sucinto, foi categoricamente enfático ao fazê-lo: “[...] é, talvez, filosoficamente, o mais importante escrito sobre Freud [...]”.

Todas essas declarações de apreço ao *Da interpretação*, e outras que poderiam ser facilmente encontradas em outros psicanalistas e filósofos importantes, não visam aqui à mera promoção bajulatória do *Ensaio* de Ricœur. Em primeiro lugar, o *DI* não necessita de qualquer reafirmação nesse sentido, trata-se já de um clássico; em segundo lugar, não queremos, dessa maneira, criar subterfúgios para “compensar” ou desviarmo-nos das sérias e graves críticas recebidas pela obra, aliás, a maior parte das declarações é justamente oriunda de críticos da obra.

Ao contrário disso, nossa intenção é apenas tornar explícito como, apesar de críticas tão severas e de uma recepção particularmente cruel em solo francês, o *Da interpretação* subsistiu às adversidades político-intelectuais do seu tempo e permanece, ainda hoje, como um referencial de enorme evidência, quer seja estritamente no interior da grande obra ricœuriana, quer seja, em sentido mais amplo, na história do freudismo filosófico francês. Em suma, trata-se de “[...] um *texto essencial*, um texto que, por seu método e seu estilo, põe questões que inquietam o pensamento contemporâneo” (CHÂTELET, 1965, p. 24).

A nosso ver, uma boa razão para explicar esta “inquietação” que o *Ensaio sobre Freud* ainda permanentemente desperta está justamente na natureza *œuvre* que ele comporta. Ora, críticas virulentas, polêmicas teóricas, tensões político-institucionais não seriam indicativos precisos de que estamos diante de uma grande obra? Evidentemente, a constituição de uma *œuvre* requer mais do que isso, exige originalidade conceitual, repercussão intelectual, profundidade analítica, inventividade teórica etc. E isso não é tudo o que rigorosamente encontramos devidamente reconhecido nas declarações acima?



Portanto, de Lacroix a Monzani, passando por De Walhens, Granger, Anzieu, Green, Henry e Major, o que quisemos evidenciar foi o reconhecimento preciso de qualidades do *Da interpretação* que o caracterizam como uma verdadeira *œuvre* filosófica. Neste sentido, nem a mais incontornável crítica que se possa fazer ao *Ensaio sobre Freud* consegue tirar dele a sua legitimidade como tal: “uma obra de plenitude soberana” (Lacroix), “obra considerável, em algum sentido, a mais completa que Freud tenha suscitado” (De Walhens), “uma obra magistral” (Granger), “o primeiro exame filosófico detalhado e rigoroso da obra de Freud” (Green), “uma das melhores exposições da psicanálise” (Henry), “uma leitura sistemática da obra de Freud que até então a filosofia não tinha ousado empreender” (Major), enfim, “talvez o mais importante escrito filosófico sobre Freud” (Monzani).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas razões apresentadas e pela argumentação que até aqui conduzimos: i) o conflito dos métodos, problemas e projetos no *Da interpretação*, ii) a finalidade e o método próprios do *DI*, bem como a sua recepção crítica –; estamos convencidos de ter reunido um conjunto bastante objetivo de critérios que, pelo menos, permite-nos colocar a questão da natureza *œuvre* do *Da interpretação*.

Evidentemente, é necessário ainda investigar com maior rigor a consistência dessa hipótese, articulá-la a uma “teoria da obra”, para verificar a sua caracterização específica;¹⁰ é preciso, além disso, elucidar melhor os problemas que essa hipótese coloca, explicitar com mais profundidade a sua constituição no interior do *Da interpretação*, e, sobretudo, interrogar as suas consequências.

Entretanto, estamos certos de que os elementos que apresentamos, se não satisfazem ainda a todas essas condições, ao menos, indicam que o *Ensaio sobre Freud*, de Ricœur, requer muito mais da nossa atenção. A fim de ilustrar essa atenção particular que o *Da interpretação* exige e merece, uma última observação complementar.

¹⁰ Quem sabe a própria filosofia hermenêutica de Ricœur não possa auxiliar-nos nessa tarefa, se pudermos dela extrair uma “teoria da obra” – e tudo indica que isso é inteiramente possível. Também a noção “obra de pensamento”, desenvolvida por Lefort, e as reflexões de Gadamer sobre o “conceito de clássico” parecem ser bastante promissoras. Todas essas indicações constituem um trabalho para outra ocasião. Agradeço especialmente a Cristian Marques pela interlocução e a Roberto Lauxen pelas preciosas observações e sugestões sobre o tema.

Na primeira parte do *Ensaio sobre Freud*, a *Problemática*, onde Ricœur traz à sua argumentação os emblemáticos “mestres da suspeita”: Marx, Nietzsche e Freud, há aí um pequeno argumento desenvolvido pelo filósofo, sobre o qual eu gostaria de chamar a atenção, designando-o de “argumento da herança futura”.

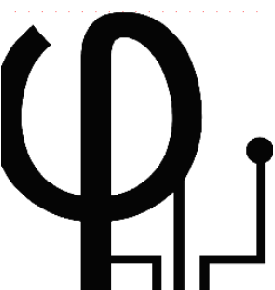
Para Ricœur, a nossa compreensão de Marx, Nietzsche e Freud ainda é fortemente baseada em uma “formulação negativa”:

[...] nós somos muito atentos às suas diferenças e às limitações que os preconceitos de sua época infligem aos seus sucessores, muito mais que a eles mesmos. Marx é então relegado ao economismo e à absurda teoria da consciência-reflexa; Nietzsche é atirado do lado de um biologismo e de um perspectivismo incapaz de enunciar-se a si mesmo sem contradição; e Freud é enquadrado na psiquiatria e acobertado de um pansexualismo simplista (RICŒUR, 1995a, p. 43).

Seria preciso uma apreensão de ordem mais “positiva” sobre o significado das obras destes três grandes mestres do exercício da suspeita. O problema é que, segundo Ricœur (1995a, p. 43): “[...] nós estamos ainda longe de ter assimilado o sentido positivo desses três empreendimentos [...]”.

Haveria algo, então, a respeito da nossa compreensão de Marx, Nietzsche e Freud que parece pertencer a uma tarefa do tempo, ao futuro. A passagem da apreensão negativa que temos desses autores ao sentido positivo de suas contribuições é qualquer coisa da ordem de uma herança futura pertencente ao devir da compreensão; o que, em regra geral, é o destino de toda *œuvre*, e pode, conseqüentemente, ser também o caso do *Da interpretação*.

Há, portanto, qualquer coisa da ordem do tempo neste meio século que já se passou desde publicação do *Ensaio sobre Freud*, que seguramente pode fazer mudar a compreensão que temos a seu respeito. Se estamos hoje em condições de abstrairmo-nos da “formulação negativa”, baseada nas “limitações que os preconceitos de sua época infligem”, para o apreendermos em seu “sentido positivo”, ainda é cedo para dizê-lo. Todavia, estamos convencidos de que algo de sua “herança futura” nos parece atualmente bastante tangível. O reconhecimento de sua natureza *œuvre* é, talvez, um dos sinais que dá provas disso.



REFERÊNCIAS

- CHÂTELET, F. Freud est-il chrétien? *Le nouvel observateur*, Paris, 28 juill.1965. Etude, f. 24.
- DE WAELHENS, A. La force du langage et le langage de la force. *Revue philosophique de Louvain*, tome 63, n. 80, p. 591-612, 1965.
- DOSSE, F. *Paul Ricœur : Le sens d'une vie (1913-2005)*. 2. ed. Édition revue et augmentée. Paris: La Découverte, 2008.
- FREITAS PINTO, W. C. *Do círculo à espiral: por uma história e método da recepção filosófica da psicanálise segundo o freudismo filosófico francês (Ricœur) e a filosofia brasileira da psicanálise (Monzani)*. 2016. 261 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, Campinas, 2016.
- GRANGER, G. G. *Essai d'une philosophie du style*. Paris : Colin, 1968.
- GREEN, A. *Le discours vivant : la conception psychanalytique de l'affect*. Paris : PUF, 1973.
- GREEN, A. La psychanalyse, une science ? Discussion du rapport de P. Ricœur. *Psychiatrie française*, v. 17, n. spécial, p. 25-33,1986.
- GREEN, A. *Idées directrices pour une psychanalyse contemporaine*. Paris : PUF, 2002.
- GREEN, A. Paul Ricœur à Bonneval. In : d'ALLONNES, M. R.; AZOUVI, F. (Dir.). *Cahiers de L'Herne : Ricœur 1*. Paris : Édition de L'Herne, 2004.
- HENRY, M. Ricœur et Freud : entre psychanalyse et phénoménologie. In : GREISCH, J.; KEARNEY, R. *Paul Ricœur: les métamorphoses de la raison herméneutique*. Paris: Cerf, 1991.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- LACROIX, J. Désir et langage. *Le monde*, Paris, 7 juin. 1965, f. 13.
- MAJOR, R. Paul Ricœur et la psychanalyse. In : AESCHLIMANN, J.-C. *Étique et responsabilité*. Paul Ricœur. Boudry-Neuchâtel: Éditions la Baconnière, 1994.
- MONZANI, L. R. Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanços e perspectivas. In: PRADO JR., B. (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1991. pp. 109-138.
- REVUE FRANÇAISE DE PSYCHANALYSE. Paris : PUF, t. XXXIV, n. 5/6, 1970.
- RICŒUR, P. *Philosophie de la volonté*. Le volontaire et l'involontaire. t. 1. Paris : Aubier, 1950.
- RICŒUR, P. *Philosophie de la volonté*. Finitude et culpabilité I. L'homme faible. II. La symbolique du mal. t. 2. Paris : Aubier, 1960.
- RICŒUR, P. Une interprétation philosophique de Freud. *Bulletin de la société française de philosophie*, Paris, 60^e année, n. 3, p. 73-107, 1966.
- RICŒUR, P. Le conscient et l'inconscient. In : HEY, H. (Dir.). *L'inconscient : VI colloque de Bonneval*. Paris : Desclée de Brouwer, 1966.
- RICŒUR, P. *Temps et récit*. 3 t. Paris : Seuil, 1983.
- RICŒUR, P. *De l'interprétation*. Essai sur Freud. Paris : Seuil, 1995a.
- RICŒUR, P. *Réflexion faite : autobiographie intellectuelle*. Paris : Éditions Ésprit, 1995b.
- RICŒUR, P. *Le conflit des interprétations*. Essais d'herméneutique. Paris : Seuil, 2013.
- RICŒUR, P. Le conscient et l'inconscient. In: *Le conflit des interprétations*. Essais d'herméneutique. Paris: Seuil, 2013.
- RICŒUR, P. *A metáfora viva*. São Paulo: Loyola, 2000.
- SCHERER, R. L'homme du soupçon et l'homme de foi. *Critique*, Paris, v. 21, n. 223, p. 1052-1067, 1965.
- TORT, M. De l'interprétation ou la machine herméneutique. *Les temps modernes*, n. 237/238, p. 1.461-1.493; 1.629-1.652, 1966.